

ELEANOR H. PORTER



POLLANA

TRADUÇÃO:
Monteiro Lobato

Edição Revista e Atualizada



DONA POLI

Naquela manhã, dona Poli Harrington entrou apressada na cozinha. O que não era muito comum, já que ela se gabava de não ter pressa de nada. Naquele dia, porém, estava realmente com pressa.

Nancy, que lavava pratos na pia, apesar de nova na casa, já sabia do temperamento da patroa.

— Nancy?

— Senhora! — respondeu a empregada, sem interromper a lavagem dos pratos.

— Nancy — repetiu dona Poli, desta vez com um tom severo na voz —, quando eu falar, você pare o que estiver fazendo e me escute com toda a atenção.

Nancy corou e largou os pratos.

— Sim, senhora. Eu estava acabando este serviço porque a senhora mesma me disse que andasse depressa.

— Não quero explicações. Quero que você preste atenção — observou a patroa, de testa franzida.

— Sim, senhora, já sei — disse Nancy, mordendo o lábio e sem saber como agradar aquela criatura.

Nancy nunca tinha trabalhado em outras casas até o dia em que o pai morreu, e a mãe, adoentada, fez a filha perceber que teria de ganhar a vida. Foi então que arrumou serviço na casa de dona Poli Harrington, da velha família Harrington e uma das mais ricas senhoras da cidade. Fazia dois meses. Sabia agora, por experiência própria, que dona Poli era daquele tipinho que faz cara feia se uma porta bate ou uma colher cai da mesa, mas nunca sorri se a porta não bate ou se a colher fica quietinha onde está.

— Quando acabar o serviço da manhã — disse dona Poli —, vá arrumar o quarto que dá para a escada do sótão e faça a cama. Varra-o muito bem, espante tudo e deixe tudo limpinho.

— Sim, senhora.

— Acho bom esclarecer que a minha sobrinha, dona Poliana Whittier, vem morar comigo. Ela tem onze anos e ficará ocupando aquele quarto.

— Uma menina aqui, dona Harrington? Que coisa boa! — exclamou Nancy, pensando na alegria que eram suas irmãzinhas, lá no The Corners, onde residia a sua família.

— Bom? Hum! — resmungou dona Poli toda empertigada. — Essa não é a palavra exata que penso. Mas sou boa criatura e tratarei de acomodar a situação. Conheço os meus deveres.

Nancy ficou um tanto atrapalhada.

— Mas é claro, dona Poli. Uma menina boazinha vem alegrar a casa e será muito bom para a senhora.

— Obrigada — murmurou, secamente, a grande dama. — Mas não sei para que ficar falando assim...

— Mas tenho certeza de que a senhora só deve querer o bem dessa filha da sua irmã — arriscou Nancy, sentindo vagamente que devia preparar uma boa acolhida para a pequenina esperada.

Dona Poli ergueu o queixo com altivez.

— Hum, hum — rosnou. — Agora, só porque a minha irmã foi tola o bastante para se casar e colocar mais uma criaturinha num mundo já tão cheio, eu tenho que querer o bem dessa menina, é? Você trate de arrumar o quarto e não se esqueça de varrer os cantos. Veja lá, hein?

Nancy repetiu mais um “sim, senhora” e retomou a lavagem dos pratos, enquanto dona Poli se retirava de queixo erguido.

Voltando aos seus aposentos, dona Poli tomou de novo a cartinha recebida dois dias antes e que tinha sido uma surpresa para lá de desagradável. Releu-a:

Prezada senhora, sinto muito ter de informá-la que o reverendo John Whittier faleceu duas semanas atrás e deixou uma filha única de onze anos e uns livros. Como a senhora deve saber, ele era pastor duma igrejinha humilde, na qual recebia um salário mínimo.

Sei que era casado com uma irmã sua já falecida e que as duas famílias estavam de relações cortadas. Mesmo assim, ele deu a entender que, por causa do laço de sangue, a senhora talvez se encarregasse da criação da filhinha dele e a recebesse por aí. E esse é o motivo desta carta.

A menina está preparada para partir a qualquer momento, e, caso a senhora esteja disposta a cuidar dela, agradeceríamos muito se nos respondesse o quanto antes, porque há uma família que logo vai partir para Boston e pode se encarregar de levá-la até lá e colocá-la no trem de Beldingsville. A senhora, é claro, será informada da hora e do trem em que ela chegará. aguardo uma resposta favorável.

*Respeitosamente,
Jeremias O. White*

Dona Poli releu a carta e enfiou o papel de novo no envelope. Já havia respondido na véspera, dizendo que mandassem a órfã, claro. Conhecia muito bem os deveres sociais que tinha, por mais desagradáveis que fossem.

Ali, sentada com a carta nas mãos, seus pensamentos se voltaram para a irmã, Jennie, mãe daquela menina; lembrou-se de quando, aos vinte anos de idade, ela teimou em se casar com um jovem ministro, apesar da oposição de todos. Havia um homem muito rico que a desejava (e o qual a família preferia muito), mas Jennie bateu o pé; queria porque queria o ministro pobre. O tal homem rico era bem mais idoso que ela, é verdade, mas, por outro lado, possuía uma bela fortuna, enquanto o pastorzinho só possuía ideais e entusiasmos da juventude; não tinha mais nada além de amor para oferecer. Jennie preferiu isso, casou-se e foi para o Sul viver a vida humilde de esposa de missionário.

Foi então que a família parou de se falar. Embora fosse, naquele tempo, uma menina de quinze anos, a caçula da casa, dona Poli se lembrava muito bem de tudo. A família tinha mais o que fazer do que ficar pensando na mulher de missionário. Para não mentir, Jennie até escreveu uma vez e contou que deu à filhinha o nome de Poliana em homenagem às suas duas irmãs, que se chamavam Poli e Ana. Os outros filhos morreram, contara ela na última carta escrita. Depois viera a notícia da sua morte, dada por aquele pastor de uma pequenina cidade do Oeste.

Enquanto isso, o tempo continuava correndo na grande casa da colina. Com os olhos no vale que se estendia até onde se podia ver, dona Poli vivia pensando nas principais mudanças que aqueles vinte e cinco anos trouxeram.

Agora já era uma quarentona e vivia sozinha no mundo. Pai, irmãs, mãe, todos mortos. Já fazia anos que era a única dona da casa e da fortuna deixada pelo pai. Muita gente

sentia pena de tanta solidão e a aconselhava a arranjar companhia; ela, porém, jamais tinha pensado nisso. Vivia dizendo que gostava da solidão. Gostava de estar consigo mesma e preferia a quietude. Só que agora...

Apertando os lábios, dona Poli se ergueu de onde estava sentada. Sentia-se satisfeita consigo por ser uma mulher boa e por conhecer seus deveres. Mas... Poliana! Que nome mais ridículo!



NANCY E O VELHO TOM

Nancy varreu e espanou o quartinho em frente à escada do sótão com particular atenção aos cantos. Acontece que, às vezes, o esforço excessivo com que ela esfregava era mais para espantar certas ideias que lhe ocorriam do que para tirar alguma mancha. Apesar de ser toda submissa e amedrontada da patroa, de santa Nancy não tinha nada.

— Eu — murmurava ela em compasso com o vaivém do pano molhado — queria muito... varrer... os cantos... de sua alma. — E parando para descansar: — Deve ser cheia de cantos sujos. Essa história de botar a coitada da menina neste quartinho sem ar e sem aquecimento no inverno enquanto uma casa enorme dessa fica vazia, cheia de cômodos... Olha, vou te contar... “Colocar mais uma criaturinha num mundo já tão cheio!”. Até parece! Pois pode ter certeza de que se tem alguém desnecessário para o mundo agora, não é essa menina.

Ficou trabalhando em silêncio por um tempo. Depois, quando já tinha terminado, deu uma olhada no quartinho vazio e chegou a ficar com nojo.

— Então tá, terminei. Quer dizer, pelo menos a minha parte. Aqui não tem mais pó nenhum e pela casa também não tem quase nenhuma sujeira. Coitada dessa menina! Que lugar acharam para aninhar uma pobre criatura sem mãe e arrancada da terra onde sempre viveu! — E, dizendo isso, Nancy saiu e bateu a porta sem querer. — Ai! — exclamou, mordendo o lábio. E depois: — Até parece que eu me importo! Tomara que ela tenha escutado o barulho!

Naquela tarde, Nancy teve uns minutinhos para fofocar no jardim com o velho Tom, o jardineiro que tirava as ervas daninhas e carpia as calçadas já há tanto tempo que ninguém sabia desde quando.

— Seu Tom — começou ela, depois de espiar se dona Poli não estava por perto —, o senhor sabe que tem uma menininha vindo morar aqui com dona Poli?

— Como é que é? — exclamou o velho, erguendo-se e esticando com dificuldade as costas.

— Tem uma menina... vindo morar com dona Poli.

— Ah, para de contar história para boi dormir — respondeu Tom, incrédulo. — Por que não me conta que o sol vai nascer do lado contrário amanhã?

— Mas é verdade. Ela que me contou — afirmou Nancy. — Uma sobrinha de onze anos, filha duma irmã já morta.

O queixo do velho Tom quase se despregou da cara.

— Impossível! — rosnou ele; mas logo seus olhos brilharam. — Não é... mas só pode ser a filhinha de dona Jennie! Nancy, deve ser a filhinha de dona Jennie! Graças a Deus! Só de pensar que vou ver isso com meus próprios olhos!

— Quem era essa dona Jennie?

— Um anjo fugido do céu — murmurou o velho com fervor —, mas o meu falecido chefe e a falecida patroa não sabiam disso; pensavam que ela era só a sua filha mais velha.

Tinha vinte anos só e lá se foi. Todos os filhos dela morreram, ouvi dizer, exceto uma menina, essa que vem vindo...

— Tem onze anos já.

— É, deve ser isso — calculou o velho, meneando a cabeça.

— E vai ficar no quartinho do sótão, perto da escada, imagine! — disse Nancy, correndo outra vez os olhos ao redor.

O velho Tom franziu a testa. Depois um sorriso curioso apareceu em seus lábios.

— Não sei o que dona Poli vai fazer com uma criança nesta casa — disse ele.

— Pois então! E eu queria saber o que é que essa criança vai fazer com dona Poli — replicou Nancy.

O velho riu.

— Já vejo que não gosta muito de dona Poli...

— E alguém gosta, por acaso?

O velho sorriu de novo e retomou o seu trabalho, dizendo:

— Pelo visto você não sabe do caso de amor de dona Poli...

— Caso de amor? Com ela? Não! Ah, não me venha com isso, seu Tom. Impossível que alguém possa ter amado uma criatura dessa.

— Pois houve quem pudesse — disse o velho. — E o sujeito ainda é vivo e mora aqui na cidade.

— Quem é?

— Não vou contar. Seria falta de educação — respondeu Tom, erguendo-se de novo.

Naqueles escuros olhos azuis havia um reflexo da antiga lealdade de funcionários que servem uma mesma família durante a vida inteira.

— Mas não é possível — insistiu Nancy. — Dona Poli com um namorado, onde já se viu uma coisa dessas!

Tom meneou a cabeça.

— Você não conheceu a dona Poli que eu conheci. Ela era uma criatura realmente linda, e ainda seria se...

— Linda? Dona Poli?

— Sim. Dona Poli. Se ela não usasse aquele cabelo puxado para trás e caso se vestisse que nem as moças que gostam de se arrumar, com aquelas roupas de renda e enfeites brancos, você ia ver como ela consegue ser bonita. Dona Poli não é velha, não, Nancy.

— Não é? Se não, então ela sabe imitar a velhice muito bem. Finge muito bem — murmurou Nancy com ironia. — É uma artista...

— Eu sei, eu sei. E essa história, esse desleixo todo, começou quando ela brigou com o namorado — explicou Tom. — E desde então parece que só come larvas e jiló. Tudo começou a partir dessa briga.

— Pois para mim ela não está assim, sempre foi desse jeito — disse Nancy em tom indignado. — Nada vejo de bom nela, por mais que o senhor diga. E eu não ficaria aqui se não fosse o estado de mamãe e a diferença que o pagamento faz no nosso bolso. Mas um dia a coisa muda e vou dizer adeuzinho. Ah, se vou.

O velho Tom assentiu.

— Eu sei. Já percebi isso. É natural, mas não é o melhor para você, menina. Vai por mim: não é o melhor. — E curvou-se sobre o canteiro para retomar o serviço.

— Nancy! — gritou uma voz aguda.

— Já vou indo, senhora — respondeu Nancy e correu para dentro.



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM ABRIL DE 2023